

## A GEADA NEGRA DE 1975 EM MATELÂNDIA. TRANSFORMAÇÃO ECONÔMICA, HISTÓRIA E MEMÓRIA.

Mauricio DezordiUnioeste

O fenômeno climático que devastou as plantações de café no Estado do Paraná no ano 1975 conhecido como a *geada negra*<sup>1</sup>, e que teve grande repercussão na história e principalmente na economia regional. Embora já discutido pela historiografia recente, em relação há algumas regiões do Estado, ainda é um tema pouco discutido pela historiografia regional. Considerando a presença de lavouras de café, que existiam até o ano de 1975 no distrito de *Agro Cafeeira* pertencente à Matelândia Paraná. Salienta-se seu importante papel para economia local e paraense, considerando o impacto provocado, e a reestruturação agrária e econômica da região pós fato. Para entendermos a estruturação da economia cafeeira no distrito de Agro Cafeeira Matelândia, é necessário contextualizar no período do início da colonização e formação do município no início do ano de 1950.

Porém deve-se destacar que o processo de colonização do oeste do Paraná remonta final do Século XIX e início do século XX, considerando o modelo de colonização planejada. A história da região de Matelândia iniciou-se ainda na década de 20, destacando-se a compra de terras do Estado do Paraná, sendo os imóveis (glebas) *Ochohye Passo Cuê* adquiridos por alguns membros da família *Matte*, sendo as terras onde se localizam atualmente o município de Matelândia pertencentes à pessoa de Miguel Matte, como destacado pelo historiador Ruy C. Wachowicz, em *Obrageros Mensus e Colonos: História do Oeste Paranaense*.

Este último organizou a Companhia Florestal do Paraná S/A, com sede em Foz do Iguaçu, a fim de explorar e colonizar a região, como previam os contratos com o Estado do Paraná. Em 1924, Miguel Matte, contraiu com a firma argentina Alfredo Giambelli e Cia., sediada na cidade de Rosário, um empréstimo de 100 mil pesos. Para dar cobertura a esse empréstimo, foram dados sob-hipoteca os imóveis 'Ochoy e Passo Cuê' o primeiro adquirido em 1922 e o segundo em 1923 do Estado do Paraná, figurando como adquirente Raimundo Picolli. (WACHOWICZ, p.161 1992.)

---

<sup>1</sup> Segundo o site <http://divitempo.blogspot.com>, a "geada negra" ocorre quando o ar está muito seco e a planta morre antes da formação e congelamento do orvalho, ficando assim escurecida. No Brasil, a geada negra também é conhecida como geada de vento, pois o vento frio desidrata e mata os tecidos expostos das plantas, deixando-a igualmente negra. Publicado em 27/04/2008.

Nesse contexto Miguel Matte tinha planos de colonizar essa região que comprou do Estado, para isso de acordo com Colodel e Wachowicz, ele procurou trazer várias famílias de colonos vindos do Rio Grande do Sul com o intuito de se instalar nessas novas terras desbravar, e produzir tendo como base sistema de cultivo familiar rural. Porém o empreendimento não prosperou, sobretudo devido ao isolamento das famílias que aqui se instalaram e a dificuldade de comunicação e obtenção de recursos para crescimento das propriedades.

De acordo com José Augusto Colodel em seu livro *Matelândia História e Contexto*, Alberto Dalcanale um dos acionistas da colonizadora “MARIPÁ”, descobriu essas terras hipotecadas e junto com outros acionistas da MARIPÁ, como Alfredo Paschoal Ruaro, e compraram esses imóveis, em nome da *Colonizadora Pinho e terras*, e por sua vez dividiram e revenderam a colonizadoras menores.

Foi assim que o patrimônio total adquirido inicialmente pela “*Pinho e Terras*” foi dividido entre as seguintes empresas de colonização. A “*Colonizadora Gaúcha*” ficou responsável por São Miguel do Iguazu; a “*Industrial Agrícola Bento Gonçalves*” por Medianeira; a “*Pinho e Terras*” por Céu Azul; e “*Colonizadora Matelândia*” ficou com Matelândia propriamente dita. (COLODEL, P.175. 1992).

Vale ressaltar como o modelo de organização rural, baseado em comunidades e pequenas propriedades, se fundamentaram no sul do Brasil, enquanto herança trazida do sistema agrário europeu. Baseado em pequenas propriedades agrícolas familiares policultoras voltadas basicamente a subsistência. Segundo Gregory no livro *Os eurobrasileiros e o e o espaço colonial. Migrações no Oeste do Paraná*:

Fica claro que a pequena propriedade nas regiões coloniais do Sul do Brasil é uma herança do imigrante europeu e que sua migração e a de seus descendentes aconteceu por causa da possibilidade de ser proprietário e de garantir aos filhos a condição de proprietários de terras. (GREGORY. P.51. 2008)

Essas considerações são importantes para entender a estruturação e aplicação da herança da estrutura de trabalho familiar trazida da Europa, e praticada pelos imigrantes alemães e italianos no sul do Brasil no início do século XX. E como esse modelo de trabalho, estruturou o discurso de “progresso” na figura do colonizador, presente nos descendentes desses imigrantes na colonização do oeste

do Paraná, nas décadas de 1940, e 50. Com base nas considerações de Gregory, é pertinente destacar a importância para o colono, descendente de imigrantes, a condição de ser dono de propriedades, ou de possuir um pedaço de terra. Além de garantir um meio de “sustento” para as próximas gerações, essa lógica estava vinculada a importância que o trabalho tinha para esses sujeitos. Possivelmente essa valorização do trabalhador, vinculada a ideia da relação entre trabalho e terra e produção econômica, tenha valorizado a imagem do produtor rural imigrante, no sul.

Tomando por base a discussão de Gregory em *Os eurobrasileiros e o espaço colonial. Migrações no Oeste do Paraná* compreende-se que estas empresas colonizadoras, buscavam grupos de migrantes, trabalhadores rurais, que tivessem características, voltadas aos interesses econômicos dessas empresas colonizadoras. Características baseadas na pequena propriedade agrícola, e policultora, e posteriormente já voltada a projetos de industrialização do espaço. Assim essas empresas se baseavam no sistema colonizador do imigrante Italiano e Alemão, no sul do Brasil, baseado em um sistema familiar de pequenas propriedades.

Desta forma, o espaço teria sua estrutura fundiária, estradas, núcleos populacionais de acordo com a experiência do espaço colonial das antigas Colônias do Sul. As áreas se destinariam a agricultura e à criação para o consumo familiar e para o mercado. (GREGORY, P. 93. 2008)

O primeiro fluxo migratório para o Oeste do Paraná foi ao final dos anos 40 até meados da década de 60, composto quase que unicamente de migrantes provenientes dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Baseado no sistema de pequenas propriedades, voltadas inicialmente a subsistência, porém posteriormente, empreendimentos maiores prosperaram. Dentre os empreendimentos das companhias colonizadoras, um elemento que chama a atenção, são as pequenas e grandes propriedades do distrito de Agro-Cafeeira, voltadas a produção de café. Distante aproximadamente 5 km, da sede do município de Matelândia, a região do distrito e arredores era conhecida pela grande quantidade propriedades rural voltada ao plantio e colheita do café. O segundo fluxo migratório há partir do início da década de 60, até final da década de 70, marca uma diminuição no fluxo migratório de migrantes oriundos dos estados de Santa Catarina

e Rio Grande do Sul. E por outro lado há um aumento no fluxo de migrantes oriundos do norte do Paraná, e dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, entre outros. Motivados, sobretudo pela oferta de mão obra nas lavouras de café, e também pela oportunidade de compra de terras mais baratas, que nos seus estados de origem. Assim, segundo Colodel em *Matelândia: História e contexto*, a colonização de Matelândia iniciou-se em junho 11 de junho de 1950, com a chegada do primeiro grupo de colonizadores. Tendo como base inicialmente o sistema de venda de pequenas propriedades policultoras.

De acordo com Colodel, em *Matelândia História e Contexto*, embora a mata nativa ainda fosse predominante no início da década de 50, o desmatamento era controlado pelos colonos. Controle que perdurou até meados da década de 70 com aparecimento de maquinários e por conta do processo de incentivo a mecanização agrícola e destoca dos troncos remanescentes da exuberante mata que predominava anteriormente na região. Processo de mecanização agrícola que é apontado por muitos autores e ambientalistas como um dos principais responsáveis pelo aumento e aceleração do desmatamento na região oeste do Paraná e no Brasil também. Tendo em vista a reestruturação econômica do Estado do Paraná, tendo como foco a partir da crise da produção do café a produção de grãos, para exportação como soja, milho, e trigo e a inserção da tecnologia de produção por máquinas agrícolas no campo. Nesse contexto, compreende-se que o ciclo econômico da madeira perdurou desde o início da colonização de Matelândia em 1950 até meados de 1980, quando a madeira começou a se tornar escassa. Conseqüência da mecanização das lavouras, e da derrubada do mato para plantio, e pastagem, além, sobretudo da comercialização em larga escala da madeira proveniente das matas nativas da região. O que de certa forma acarretou o rápido desaparecimento das reservas nativas, e declínio econômico da comercialização da madeira na região.

De acordo com a discussão de Colodel e Tomazi, do início dos anos 60, até aproximadamente 1975, o plantio do café em Matelândia expandiu, juntamente com a hortelã em franca ascensão também, o município passou a receber imigrantes do norte do Paraná, São Paulo Minas Gerais entre outras regiões. Uma parcela desses migrantes vinha em busca de trabalho nas lavouras de café, das médias e grandes

fazendas do município, até conseguirem um terreno próprio para viver. Era uma época de crescimento econômico, e grande movimentação da comunidade local em Agro Cafeeira segundo Colodel.

Eram anos de grande agitação, e um tempo onde o dinheiro “*corria fácil*”. Não cresceu somente a Sede Municipal. Pelo interior do município, distritos e vilas fervilhavam. Agro Cafeeira, Ramilândia, Marquesita e Vila Esmeralda, destacavam-se com suas ruas repletas de pessoas e um comércio local forte. Nos finais de semana, era muito difícil andar-se de automóvel pelas ruas desses vilarejos, dada a quantidade de gente que por eles transitava. Bares, mercearias, açougues, lojas, barbeiros estavam sempre cheios. (COLODEL, P.267 e 268. 1992.)

Com base nas considerações de Colodel em relação à história de Matelândia, entende-se que esse período de “prosperidade econômica, compreendido num curto período de 1968-1975 é impulsionado com o asfaltamento da atual BR-277. Principal rodovia de ligação entre Cascavel e Foz do Iguaçu, a adequação da estrada facilitou o transporte e o desenvolvimento da indústria cafeeira em Matelândia. Além de facilitar e incentivar o deslocamento da mão de obra trabalhadora, que se instalou no distrito de Agro Cafeeira, e arredores, uma boa parcela, para trabalharmos cafezais.

Atividade Econômica	Pessoal Ocupado por Categoria e sexo
---------------------	--------------------------------------

E também nas demais regiões do município nas plantações de Hortelã e Rami, além em menor escala nas serrarias ainda em franca expansão.

<b>Totais</b>					
<b>Total</b>		<b>Homens</b>		<b>Mulheres</b>	
		<b>Total</b>	<b>De 14 anos e Mais</b>	<b>Total</b>	<b>De 14 anos e Mais</b>
<b>Extremo Oeste Paranaense</b>	370.654	225.057	178.723	145.507	109.053
<b>Céu Azul</b>	12.777	8.253	6.881	4.524	3.488
<b>Matelândia</b>	<b>22.910</b>	<b>12.634</b>	<b>8.548</b>	<b>10.276</b>	<b>6.843</b>
<b>Medianeira</b>	17.630	10.295	8.555	7.335	6.064

**Tabela 3. Pessoal ocupado, distribuído por categoria e sexo e pessoal ocupado residente nos estabelecimentos, segundo as mesorregiões, microrregiões municípios.**

Fonte: Censo Agropecuário – Paraná 1975. In: IBGE P.26

Analisando o gráfico acima, percebemos um aumento significativo no número de trabalhadores em Matelândia, em 1975, em relação ao último censo de 1.970. Matelândia saltou dos seus 8.647 trabalhadores rurais para 22.910 trabalhadores num curto espaço de 05 anos, o que comprova a “euforia” vivida na época do plantio disseminado de café. Porém devemos considerar que além do café a hortelã também foi responsável por esse aumento significativo de trabalhadores rurais que fixaram residência no município. A hortelã também como o café teve um ciclo econômico muito rápido no município entre os anos de 1970 e 1975, quando em consequência da geada, do uso indiscriminado do solo, além de fatores ainda a ser investigado seu cultivo entrou em declínio. Considerando a pequena disparidade populacional entre os municípios de Matelândia e Medianeira, percebemos uma pequena diminuição do número de trabalhadores em Medianeira no ano de 1975.

**Tabela 4. Pessoal ocupado, distribuído por categoria e sexo e pessoal ocupado residente nos estabelecimentos, segundo as mesorregiões, microrregiões e municípios.**

Fonte: Censo Agropecuário – Paraná 1980. In: IBGE P.340.

Agora analisando o gráfico, da tabela acima, referente ao ano de 1980 percebemos uma diminuição considerável da população rural de Matelândia, Céu Azul, e Medianeira. Matelândia dos seus 22.910 trabalhadores restaram apenas 12.107 no ano de 1980, o que evidencia de certo modo os efeitos provocados, pelo fim do cultivo de café na região. A consequente expulsão dessa mão de obra excedente que não tendo alternativa, resultou em uma nova frente de migração para novas fronteiras agrícolas, e núcleos urbanos nas médias e grandes cidades.

Assim entende-se que a “*geada negra*” de 1975, possivelmente foi um dos principais agentes do processo de transformação das relações de trabalho, e produtividade no município de Matelândia e também no Oeste do Paraná. Outro fator já em início na década de setenta é a mecanização da agricultura, apontada pela historiografia oficial como o principal elemento de exclusão em massa dos trabalhadores rurais que migraram do campo para a cidade, e também para outras

Atividade Econômica		Pessoal Ocupado por Categoria e sexo			
Total		Homens		Mulheres	
		Total	De 14 anos e Mais	Total	De 14 anos e Mais
<b>Extremo Oeste Paranaense</b>	283.561	187.775	519.077	95.786	77.575
<b>Céu Azul</b>	9.292	6.846	6.034	2.446	2.016
<b>Matelândia</b>	<b>12.107</b>	<b>8.075</b>	<b>6.563</b>	<b>4.032</b>	<b>3.140</b>
<b>Medianeira</b>	14.813	9.107	7.611	5.706	4.786

regiões do País, em busca de trabalho. De acordo com Colodel, apenas 40% das áreas de terras de Matelândia eram adequadas à mecanização, mesmo assim a crise na cafeicultura trouxe grandes reflexos para o distrito de Agro Cafeeira/ Matelândia. Desencadeando um processo de divisão de terrenos e reocupação dos espaços remanescentes com moradias e outras culturas que se adequavam as necessidades econômicas do mercado consumidor externo, em produtos como soja

e milho voltados à exportação. Embora se por um lado a mecanização representasse progresso, desenvolvimento e aumento produtivo, por outro, esse processo acarretou no aumento de grandes latifúndios, contribuindo com o gradativo desaparecimento das pequenas propriedades, que não se adequavam a agricultura de exportação, voltada aos interesses do mercado internacional. Segundo De Lima:

Todavia, os pequenos agricultores não dispunham de capital para a aquisição de novas tecnologias e como o crédito agrícola nem sempre é de fácil acesso, há um maior estímulo para que os pequenos produtores vendam suas terras a latifúndios e migrem para a cidade. Isso aumenta ainda mais os cinturões de pobreza.(SANTOS E LIMA. P.144. 2008).

Com base nessas considerações, compreende-se que a geada ajudou a acelerar esse processo de mecanização da agricultura, êxodo rural, e repulsão de mão obra. Considerando a economia local do distrito, e os trabalhadores que foram prejudicados, com o fim do cultivo de café na região e em boa parte do Estado do Paraná. Esse processo resultou numa reconfiguração do espaço rural e urbano da região de Matelândia, prevalecendo crescimento urbano, na sede do município. Em contrapartida nas vilas e distritos, o que se percebe é um gradativo decréscimopopulacional, e no volume do comércio desses locais, que conseqüentemente também foram afetados.

Na ausência de documentos, ou com uso deles, a história oral, se mostra fundamental para, compreender os fatos históricos a partir da visão de testemunhas oculares. E como essas pessoas se inserem no determinado contexto histórico abordado na pesquisa, as relações de vida, e a interpretação de cada pessoa em relação ao fato. Além, também da construção da narrativa, fatos destacados, e influências a partir da visão de um fato ocorrido no passado relatado a partir do tempo presente. A análise de fontes orais serve como complemento para a compreensão da “geada negra” de 1975, no distrito de *Agro Cafeeira – Matelândia*, a partir de uma visão local, em relação ao fato e as transformações que se sobrepujaram em relação ao fato ocorrido.

Associando e organizando os fatos no espaço e no tempo, dentro dos padrões de sua própria cultura e historicidade, cada pessoa vai dando sentido à experiência vivida e si mesma nela. O foco central



de cada narrativa, que se delinea entre questões e relações que emerge na conversa, e os modos de narrar indicam esse movimento. (KHOURY, p.131. In FENELON. 2004).

Com base nas considerações de Khoury, compreende-se que a pessoa entrevistada articula eventos que ela vivenciou, e que não presenciou, mas que fazem parte da experiência de vida dessa pessoa, como no caso da senhora Fontana e de outros entrevistados. A percepção do passado, no caso de fatos ocorridos no início da década de 1950, 1960, as memórias são moldadas tendo em vista a realidade atual de vida dessas pessoas. Diferentemente da leitura que iam ter do mesmo fato, se este fosse relatado, por exemplo, dias antes da geada de julho de 1975, hipótese reforçada pela discussão de Thomson. “Os significados que os migrantes atribuem à sua experiência passada, e as maneiras pelas quais a história de vida é entendida, lembrada e contada, também mudam com passar do tempo”. (THOMSON, Alistair. P.359.2002). Um significado muito presente nesses depoimentos e uso dos termos “luta”, e “sofrimento” por parte dos entrevistados, para narrarem, ou descreverem as suas experiências. Ou ainda experiências de seus antepassados, ao longo do processo de desbravamento e colonização do distrito de Agro Cafeeira, e da cidade de Matelândia no início da década de 1950 e 60.

A história oral, por meio de entrevistas, mesmo que tenham certo caráter subjetivo, por outro lado trazem um olhar mais específico de fatos históricos, e cotidianos. Lembranças individuais, ou coletivas, nos permitem perceber outra visão do mesmo fato. As consequências da geada negra em nível de Estado já foram apontadas, ao analisarmos as fontes jornalísticas. Agora, ao analisarmos as fontes orais locais, de pessoas que “testemunharam” ou vivenciaram esse processo de transformação. Permite-nos ver o mesmo fato sob outro olhar, há partir de uma relação do presente para o passado, preenchendo lacunas, deixadas, ou que passaram em “branco” pela “historiografia oficial”. Idéia esta reforçada por Raphael Samuel em *Documentação História Local e História Oral*.

A evidência oral torna possível não apenas o preenchimento de vazios mas também a redefinição do se trata na História local. O invés de permitir que os documentos estruturam o trabalho – ou que filtrem categorias de lei, contabilidade ou governo local - , o historiador pode fazer com que a pedra de toque se torne a

experiência real da vida das pessoas, tanto no meio doméstico como no trabalho.(SAMUEL, Raphael. P. 230 1989/1990).

Como explicitado acima na ausência de documentos, também a história oral se torna uma alternativa viável para a pesquisa e investigação de fatos históricos específicos, principalmente ligados a história local. Não há nenhuma visão histórica, ou crítica dos fatos, nem da transformação ocorrida no município, nem no distrito de agro cafeeira após o ano 1975. Nesse aspecto a história oral, e a memória se tornam peças – chaves fundamentais para a compreensão e significado desse processo. Embora, há uma relativa preocupação com a preservação da história e memória do município, com a criação de um museu, e preservação de objetos e fotos históricas. Ainda há lacunas em relação a esse processo, como a falta de identificação de alguns moradores do distrito de Agro Cafeeira com o nome da localidade. Considerando que o nome do distrito, partiu provavelmente de um decreto municipal, a princípio sem uma comprovada consulta popular, prévia antes da provação do projeto de mudança no nome do distrito.

Por fim, há partir da visão de algumas pessoas que viveram esse processo, podemos ter outra visão dos fatos ocorridos, há partir de uma visão local dos sujeitos, que presenciaram esse processo de transformação. Relatos que juntamente com a documentação do IBGE, e os jornais, ajudam a reforçar a existência de cafezais no distrito de Agro Cafeeira, e região até o ano de 1975. Além de todo processo de transformação ocorrido, influenciado pela ocorrência da “geada negra”, e destruição das lavouras de café.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLODEL, José Augusto. **Matelândia: História e Contexto**. Cascavel: Assoeste, 1992.

COLODEL, José Augusto. ***Obrages e Companhias Colonizadoras***: Santa Helena na História do Oeste Paranaense até 1960. Santa Helena: Educativa, 1988.

GREGORY, Valdir. **Os Eurobrasileiros e o espaço colonial. Migrações no Oeste do Paraná. (1940-1970)**. Cascavel: Edunioeste, 2008.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário – Paraná:** Rio de Janeiro, 1979. Série Regional. Vol. 1 e 2. Tomo 18. 1º e 2º parte. Censos Econômicos de 1975.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário – Paraná:** Rio de Janeiro, 1983. Série Regional. Vol.2. Tomo3 – Nº 20. 1º e 2º partes. 9º Recenseamento Geral do Brasil.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Deaet al. (org). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo, SP: Olho d' água. 2004.

SAMUEL, Raphael, Documentação. História local e história oral. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, SP: Vol. 9, nº 19. p. 219-243. Set. 89/Fev90.

SANTOS, Luciane S. B. Dos. LIMA, Jandir, F. De. Um panorama histórico da modernização agrícola nas mesorregiões do Paraná a partir dos censos agropecuários (1970-1995). **Revista Varia Scientia.** vol.8 nº 14. Cascavel: Edunioeste, 2008.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras. História oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, SP: Vol. 22, nº 44, p. 341-364, Dez/2002.

TOMAZI, Nelson D. **Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do Estado do Paraná.** In: **Maringá e Norte do Paraná.** Dias, Reginaldo B. Gonçalves, José H. R. (Orgs). Maringá, Editora da Universidade Estadual de Maringá, 1999.

WACHOWICZ, Ruy C. **Obrageros Mensus e Colonos: História do Oeste Paranaense.** In: Colodel José Augusto. **Matelândia: História e Contexto.** Cascavel, Assoeste, 1992.



International Congress of History  
Congreso Internacional de Historia

**VI CONGRESSO  
INTERNACIONAL  
DE HISTORIA**

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)  
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.397